

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Freire Queiroz, Edilene

O olhar do outro primordial

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. IX, núm. 4, diciembre, 2006, pp. 598-610

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017479003>

O olhar do outro primordial

Edilene Freire Queiroz

8

O objetivo deste trabalho é discutir a hipótese de uma causalidade pré-verbal da realidade psíquica, estabelecida no corpo-a-corpo mãe-criança. O olhar é o objeto que intermedia essa relação. Ele é causa de desejo, institui uma falta e, como a palavra, deixa marcas sobre o bebê. No nosso entender ele constitui um objeto pré-verbal e, como tal, pré-anuncia o verbal, ou seja, cria a condição de. A percepção da mãe sobre o seu bebê é sempre uma suposição, passível de enganos, engodos e desmentidos. O jogo de olhares entre mãe e criança operado nesse campo, instala uma Verleugnung primordial que produz a ilusão de união, suposição de completude, de corpo contínuo, desmentindo a experiência de separação que instala a descontinuidade entre ambas e, portanto, a alteridade.

Palavras-chave: Outro primordial, *Verleugnung*, olhar materno, falta do outro

Freud construiu uma estrutura dividida em duas funções: de um lado, um objeto de satisfação primária e, de outro, uma função de limite, ou seja, ele construiu, sem ambigüidade, a função essencial para cada um do casal parental. Desse modo, o complexo de castração se reporta à castração materna, e o complexo de Édipo à relação com o pai; ambas as funções são estruturantes. Por conseguinte, temos a mãe como objeto de amor, desejo ou gozo, objeto perdido e faltante, e o pai como aquele que interdita o acesso a esse objeto de gozo. A função paterna, desde Freud, sempre esteve no centro das discussões psicanalíticas sobre a organização da subjetividade. No contexto mais recente, em que gozar é o imperativo que domina as relações, os psicanalistas pós-freudianos convocam a mãe como objeto de estudo e interesse.

Desde cedo, viu-se que há uma distância entre a mãe da qual se fala e a mãe que fala. A primeira é objeto do fantasma de quem fala e a segunda, sujeito e, como tal, passível da divisão do *parlêtre*. A questão que intriga os analistas é saber, em cada caso, por quais caminhos passam os fantasmas, desde a mãe até a criança. Para os psicanalistas que trabalharam as consequências das carências da relação materna sobre o bebê, haveria uma causalidade pré-verbal da realidade psíquica, estabelecida no corpo-a-corpo mãe-criança, na qual existiria uma presença sem palavra. Para Lacan (1964-1965), tal relação ou, mais precisamente, essa “relação de objeto no real” é ordenada por um discurso. Haveria, portanto, uma corporificação do bebê de modo significante, veiculada pelo Outro primordial – a mãe.

Cada um porta no seu íntimo a marca do Outro Primordial, marca indelével que institui, na unidade mãe-bebê, a alteridade. Sob uma dupla ocorrência, a mãe ocupa, para a criança, o lugar do Outro como tesouro dos significantes, instigadora de gozo. Do ponto de

vista do desejo, o Outro é vivido na alternância de Outro onipotente e de Outro faltante. Há, portanto, por parte da criança, dupla vivência psíquica de sua relação com a mãe. Também no que diz respeito à falta em relação a esse Outro, ocorre dupla vivência: a experiência da falta *da* mãe e a experiência da falta *na* mãe.

Sabemos que olhar a falta no Outro produz um trauma cuja consequência é o aparecimento da primeira negativa – a *Verleugnung* (desmentido). A castração do Outro se inscreve, primeiramente, pelo trauma do nascimento e, sucessivamente, por experiências de perda: perder o seio, perder de vista a mãe etc. A separação do corpo da mãe estabelece uma hiância/corte entre a mãe como corpo/continente e a mãe como Outro, gerando uma demanda de reencontrar aquele continente/corpo perdido. Do lado materno, o nascimento do bebê também traz consequências, pois de um lugar não visto, mas sentido (sensação dele no ventre), ao momento de olhar e sentir (tocá-lo pela primeira vez), instala-se nela certo estranhamento, duradouro ou não, fruto da dicotomia entre o seu bebê imaginário e o bebê real. A criança muda do ambiente aquoso para o aéreo e, do mesmo modo, muda o cheiro, a textura e a temperatura do corpo materno – trate-se, agora, de uma “outra mãe”, tão estranha para a criança, quanto esta para a mãe. Uma nova/meia simbiose se instala, pois a unidade quebrada pela separação mãe-bebê, gerada pelo trabalho de parto culminado pelo corte do cordão umbilical, precisa ser restabelecida, agora em outros moldes, para que o estranho se torne novamente familiar.¹

A vida intra-uterina substituída pela intimidade mãe-bebê instala o processo de maternagem. O corpo dele precisa de um invólucro, pois seu Eu-pele, ainda muito permeável, pode ser danificado por estímulos externos intensos. Nos primeiros momentos, a mãe funciona como uma espécie de barreira de contato do aparelho psíquico do bebê, controlando a carga de excitação. Ele precisa abrigar-se no corpo e no olhar materno, os quais nem sempre lá estão para oferecer-lhe abrigo. A experiência de separação, de alteridade implica uma presença não-toda, ou seja, uma presença/ausência. Do mesmo modo, as necessidades da criança são atendidas ou não pela mãe, conforme a interpretação que esta faz dos sinais corporais do seu bebê. É pela via do olhar que isso acontece. Se, ao nascer, ele perde as entranhas do corpo materno, em contrapartida, ganha o olhar – olhar do Outro primordial. Ele existe, se identifica e se reconhece no olhar da mãe, do qual ele sente falta ao perdê-la de vista e ao

1. Segundo Miller (2005), olhar do Outro está sempre ligado a uma estranheza; ele nutre os fenômenos de *Unheimlichkeit* (estranhamento inquietante). A maneira enigmática de Leonardo da Vinci haver retratado o olhar em *Mona Lisa* e em *Sant’Anne* pode ser interpretada como um exemplo desse fenômeno.

qual se associam o odor e o toque.² Sabe-se como é angustiante para o bebê quando a mãe esconde o rosto: a reação de choro vem de imediato.

Para Winnicott (apud Soler, 2004), uma criança sem mãe não existe. Para Colette Soler (2004), pode-se passar sem mãe, mas na condição de que ela, no início, ao menos tenha produzido um corpo. O olhar materno banha de erotismo o corpo do filho, transformando o corpo sensitivo em corpo erógeno. Ela é, para o sujeito, o lugar e o objeto das primeiras identificações e investimentos; das primeiras excitações e angústias; das primeiras separações e perdas. A mãe é a primeira sedutora, mistério do corpo feminino, laço de um insondável enigma – o “irrepresentável feminino erótico maternal” segundo Cournut (2001, p. 86). Desse feminino erótico-maternal a criança não comprehende nada (*ibid.*). No deciframento de tal enigma, ela interroga o Outro maternal sobre a sua própria existência e sua identificação e também sobre o que ela representa para esse Outro. Nessa busca, ela se oferece aos engodos de sedução da mãe e realiza o que esta lhe propõe, colocando-se como objeto de seu desejo. O bebê se aliena no fantasma materno, tornando-se sua presa, seu objeto fetiche, sua possessão. Lacan (2003) via na mãe “uma singular similaridade de sua fórmula transubjetiva, inconsciente, com a do perverso” (p. 369). André Green, citado por Cournut (2001), emprega a expressão “folia erótica maternal” para indicar o afeto que domina essa relação. A mãe faz do seu produto um fetiche, a rolha para tamponar a falta; o bebê, preso nas malhas do desejo do Outro e no afã de ser reconhecido por ele, se imola, “se vota e se devota ao outro para que o Outro exista não barrado, não descompletado” (Julien, 2002, p. 129). Ele se faz de objeto *a* para um mais-de-gozar do Outro e desmente a falta no Outro. Há, por conseguinte, uma espécie de cumplicidade erótica. O “apelo sedutor” da mãe, como observa Dor (1991), “se organiza tanto nos registros do dar a ver, quanto do dar a entender e a tocar” (p. 109). Nesse sentido, os significantes que ela emite para a criança são sempre enigmáticos.

Observam Granoff e Perrier (1979) que a relação da mãe com o filho é a mais nua e, ao mesmo tempo, a mais protegida. Nada se coloca como obstáculo ao amor da mãe pelo seu filho. Numa relação tão estreita e intensa, o desejo que a sustenta e os une não será menos forte. Somente o interdito poderá evitar a consumação sexual da relação da mãe à criança, transformando toda a intensidade do desejo em amor maternal através da sublimação. Quando a sublimação não vem, abre-se o caminho para uma relação perversa. Assim, toda relação maternal oscila entre a relação perversa e a sublimação.

2. Do ponto de vista da embriologia, o olho e o tato derivam diretamente do sistema nervoso central. Também as células do olho, juntamente com as do olfato, são as únicas células tipicamente neurosensoriais nos vertebrados.

Qual será, então, a justa medida?

A criança confere ao Outro real uma toda potência. A mulher que habita na mãe, à medida que sua libido se endereça ao homem, põe-se como não-toda-potência, não-toda-mãe e torna-se uma potência simbólica, detentora da palavra. Isso implica a inscrição da metáfora paterna. Segundo Colette Soler, essa mulher na mãe limita a paixão maternal e a faz não-toda para o seu filho. Sua aspiração fálica se divide entre o homem e a criança. Há um desejo outro, mantido mais além da gratificação da maternidade o qual introduz a criança, via angústia de castração, numa dialética de identificação contraditória através da qual, porém, ela poderá desprender-se da posição passiva de objeto da mãe e assumir seu próprio sexo. Entretanto, nem sempre a mãe deixa entrever o sentido da intrusão paterna; na maioria das vezes ela emudece, prevalecendo seu fantasma erótico maternal.

O desejo que sustenta o fantasma materno, como sendo da ordem do impossível de dizer, será interpretado pela criança com os recursos de que dispõe, considerando a imaturidade fisiológica e o equipamento biológico e cultural além de sua pré-história genealógica. Ela interpreta tudo que a mãe diz sem palavra: por meio das contradições, dos hiatos, dos equívocos, enfim, do que dar a entender pelo olhar e outros recursos sensitivos.

Encenando a negação da castração do corpo materno, o bebê joga repetidamente com a presença e a ausência, com a existência e a não-existência. Começa com a falta da mãe, ou seja, a experiência de perder de vista o Outro, expresso pelo jogo do carretel (*fort-da*) – objeto suplência – descrito por Freud em “Além do princípio do prazer” (1920). Em seguida, ele passa da falta do Outro para a falta no Outro e faz a suplência por meio do objeto fetiche. A falta do outro ou a falta no Outro requer suplências que, no nosso entender, num primeiro tempo, recobrem a falta, revelando-a.

Perder de vista o Outro e o jogo do *fort-da*

Na obra em questão, Freud introduz a pulsão de morte e a ela atribui o mecanismo de repetição. Segundo o autor, nas atividades mais precoces da vida anímica infantil aparece, em alto grau, uma compulsão de repetição que se opõe ao princípio do prazer. Ele adverte, então, que no jogo infantil a criança repete a vivência desprazerosa, através da qual ela consegue o domínio sobre a impressão causada por essa vivência, agora não mais na posição de passiva. Mas é também pela repetição que se inscreve o traço, o significante. Sabe-se bem como causa desprazer à criança o fato de o adulto contar outras versões dos contos infantis:

ela reage negativamente, demandando a repetição. O aprendizado também se faz pela repetição, pois pelo “de novo” se instala o novo.

Interessado nessa época pelos jogos infantis e pelas repetições, Freud, de repente, é assaltado por observações feitas a um jogo enigmático realizado, compulsivamente, por um de seus netos, um menino de 18 meses. Trata-se do jogo conhecido, no meio psicanalítico, como o jogo do *fort da*. Observou Freud que seu neto não chorava quando a mãe se ausentava durante horas, período em que o menino passava horas a jogar objetos debaixo de uma cama e, depois resgatá-los. Quando jogava, expressava um “o, o, o, o” prolongado, que segundo a interpretação da mãe, tal interjeição significava *fort* (se foi). Num outro dia, ele repetia a brincadeira, porém com um carretel amarrado num barbante. Com rara destreza, ele o fazia desaparecer por debaixo dos móveis, e depois puxava-o: novamente, quando o objeto desaparecia ele expressava a interjeição “o, o, o, o”; quando aparecia, dizia *da* (aqui está). Freud, de imediato, interpretou tal jogo como a renúncia à satisfação pulsional, pois o bebê admitia, sem protestar, a ausência da mãe. Em outra ocasião, após uma ausência demorada da mãe, a criança a recebe com um “Bebê, o, o, o, o”. Um novo significante se associa às primeiras interjeições. Compreendeu Freud, posteriormente, que, durante aquela longa ausência, a criança havia encontrado uma outra modalidade da brincadeira: agora era ele que se fazia desaparecer no espelho e reafirmava sua presença com a presença da mãe, saudando-a com o significante de sua ausência “Bebê o, o, o”, ou seja, “o bebê se foi”.

Vários autores pós-freudianos têm retomado o jogo do *fort da*, ou para reafirmar a significação da repetição como possibilidade de dominar a situação de desprazer, colocando-se numa posiçãoativa, ou para mostrar o significado, para o bebê, do sentido da ausência materna. Os lacanianos têm utilizado esse exemplo com o intuído de demonstrar o jogo de ausência e presença, necessário para a constituição do simbólico. Sem desprezar todas essas possibilidades de interpretação e tomando o jogo como uma metáfora, portanto passível de criação de novos sentidos, vemos nele a representação do trauma de perder de vista a mãe. Ao lançar mão de um objeto substituto – o carretel –, ele desmente a ausência da mãe, colocando no seu lugar um objeto. No terceiro tempo, pelo significante “bebê, o, o, o” (bebê se foi), é o bebê que se evanesce. Olhando o seu bebê, a filha de Freud foi capaz de dar sentido aos gestos dele. E o bebê, vivendo e representando pelo jogo a ausência e a presença da mãe, foi capaz de se olhar e se perder, sem que isso abalasse a integridade do seu EU corporal. Já havia uma *gestalt*, já havia um simbólico, porém importa prestar atenção a toda operação lógica anterior a essa condição. O jogo repetido encena a falta da mãe; ao mesmo tempo, encobre-a. Se considerarmos as observações de Miller (2005) quando afirma que todo o corpo do bebê está entregue ao gozo e à manipulação do Outro,

podemos inferir que, no jogo do *fort-da*, a criança é também o carretel manipulável da mãe. Na reversão da pulsão em seu contrário – de passivo para ativo –, a mãe passa a ser o carretel. Ao lidar com a castração do Outro a criança antecede o confronto com a castração no Outro. Na perspectiva de Lacan, representaria o primeiro significante da castração, o S_1 que o reenviaria ao segundo significante ou ao trauma da castração propriamente dita, o S_2 .

Segundo Erik Porge, o sujeito aparece, de início, no campo do Outro como primeiro significante (S_1). O significante S_2 representa a relação de alteridade na qual se inclui o primeiro significante (S_1). Originalmente, tudo está no estatuto do “Outro”, que, na sua tensão com o um, funda o estatuto do sujeito. Pelo processo de separação, estabelece-se um intervalo de falta, ponto falho do casal primitivo mãe-bebê, que promove o surgimento do primeiro objeto – o objeto fetiche –, que, enquanto tal, previne-os da visão de um não-objeto. Vivendo num tempo de ser o objeto que falta à mãe, o próprio bebê produz o fantasma de seu desaparecimento, ao experimentar a frustração do desaparecimento da mãe, como fez o neto de Freud no jogo do *fort-da* – “bebê, o, o, o” (bebê se foi). Está aí a raiz da divisão subjetiva e da afânise do sujeito na ótica de Lacan.

Há, portanto, nessa relação, algo antecedente ao desmentido da castração e à recusa da diferença entre os sexos. Para Piera Aulagnier (1999),

... a relação mãe-criança/sujeito-Outro se organiza numa dialética imaginária cujo olhar antecipa a palavra, a começar pela imagem antecipada que a mãe faz do corpo da criança esperada. O eu-corpo da criança se oferece ao olhar da mãe com manifestações de bem-estar ou de sofrimento, mas também com o risco de não ser por ela interpretado: a mãe pode desmentir o que vê, manter-se cega ou surda ao que acontece com o corpo do pequeno ser. (p. 25)

Piera Aulagnier destaca o papel da sensorialidade para dar vida ao aparelho psíquico e acrescenta que “o primeiro ouvido psíquico não capta sons e ainda menos significações, ele capta as variações do seu próprio estado, do seu próprio experimentado...” (ibid.). O corpo de um responde ao corpo do outro pela emoção, e o olhar entra como a ação que medeia essa relação/reação pré-especular. A leitura a que a mãe procederá dos sinais emitidos pelo corpo da criança e a resposta que dará a eles interferirão na maneira pela qual cada sujeito fará a representação da experiência. Lembremos que, no jogo do *fort-da*, a mãe, enquanto Outro, tesouro dos significantes, é que interpreta o gesto da criança – sem o seu olhar, Freud não teria compreendido plenamente o jogo de seu neto. Esse jogo, acreditamos, mostra, de um certo modo, o estatuto cognitivo do fetiche, pois aquém do exercício repetitivo que o introduz no jogo simbólico, ele previne e defende a criança da visão de um não-objeto.

Entre a mãe e seu filho está o imaginário da castração. Muito dependerá, então, do lugar que o inconsciente materno reservará ao pequeno ser e muito dependerá também da leitura que o filho fará do fantasma materno para definir um destino.

Cabe à mãe proteger o filho das excitações e das propensões incestuosas maternas, comunicando-lhe o fantasma de uma castração possível, concedendo-lhe um reconhecimento. Se ela, que já é onipotente no sentido de garantir a satisfação das necessidades da criança, assegura-lhe um capital de gozo além da satisfação dessas necessidades, ou seja, realizando o desejo feminino na maternidade, corre o risco de ser absoluta e tornar-se completamente nociva ao bebê. Por outro lado, mães “chocadeiras”, cujos filhos não passam de objetos que caem do corpo materno, também são nocivas a eles, pois, sem serem libidinizados, os bebês tornam-se objetos assexuados, sem significação fálica, deserotizados, “pequenos esquizofrênicos” (Soler, 2004, p. 113).³

Paradoxalmente, é faltando enquanto mãe e buscando seu desejo feminino em outro homem que ela será decifrada pelo seu bebê como inserida numa ordem simbólica.

Olhando o olhar materno

605

Toda essa trama vivida pela criança na dança dos olhares trocados com a mãe mostra o quanto aquela fica exposta às “capturas fantásticas da mãe”.⁴ Há para a criança uma intensa libidinização do campo visual no qual prevalece a imagem do Outro, do olhar materno.

Recordamos um analisante cujo fantasma materno se fez perceptível nas entrelinhas do seu discurso. Tratava-se de homem cujo prenome fora escolhido pela mãe, que, muito religiosa, atribuiu-lhe o nome de um santo. Durante a infância, costumava dela ouvir a história da vida de tal santo; mais tarde, porém, constatou que a história contada era da vida de outro santo e não a do santo de quem levava o nome. Vista por ele como uma “santa” (sic), sua mãe guardava um sonho frustrado de não ter sido freira, Desviou-se da vocação religiosa, a conselho de seu confessor, para casar-se. Casou-se com um homem violento, arrogante, portador de uma doença neurológica congênita, o qual abusava sexualmente das filhas e, mais tarde, das netas, colocando-as no colo para

3. Expressão de Lacan citada por Colette Soler.

4. Expressão usada por Lacan numa nota sobre criança, entregue à Sra. Jenny Aubry.

“bulinar” (sic) seus órgãos genitais. Ele, o pai, trabalhava na Marinha Mercante, por isso costumava passar longos períodos ausentes de casa e os filhos ficavam entregues aos cuidados exclusivos da mãe. Fantasiava o analisante que seu pai devia ter uma mulher em cada porto; mesmo nos períodos passados com a família, mantinha relações extraconjugais. Contava o analisante que o pai mantivera um vínculo amoroso com uma prima que morara um certo tempo em sua casa. A mãe, mais devotada a Deus que ao marido, sabia dos acontecimentos vividos dentro do espaço familiar, mas se mantinha alheia, dedicando-se aos ofícios religiosos.

A mesma atitude de negar a realidade ela também manteve diante dos castigos pesados que o marido infligia ao filho. Preferiavê-lo como um Cristo crucificado, exemplo de resignação e gozo – imagem que se congela e se fixa ao presentear o filho com uma reprodução de uma das telas de Salvador Dali, de Cristo crucificado. Dali – importa ressaltar – pintou vários quadros com esse motivo; em todos, ele se colocava na figura do Cristo, sendo olhado por Maria, representada, na obra, pela imagem de Gala, sua mulher. O artista superpõe à imagem da mãe olhando o filho na cruz a imagem da mulher olhando o marido/filho o que indica a duplicidade do feminino erótico-maternal. Assim, a mãe do analisante revelou no ato de presenteá-lo com tal pintura, os lugares em que ambos se implicavam no fantasma materno: ele como filho de Deus Pai, destituído de uma paternidade biológica, e ela como Santa Maria, que contempla e venera o filho imolado, o que criou a cena fetichista da qual ele se fez objeto do gozo materno. Costumava resignar-se aos sofrimentos e dizia que se via como Prometeu acorrentado ou Cristo crucificado. A mãe em nada confirmava o engajamento do seu desejo pelo marido. Suas ações, traições e ausências a ela não importavam. Capturado pela fantasia da mãe de devotar-se a Cristo, o filho encarnou a “recusa primordial”⁵ da mãe de perfilá-lo ao marido, preferiu adotar, somente, o sobrenome materno. Durante os anos de análise, manifestava um interesse particular pelos rituais católicos e passou a freqüentar um convento dos franciscanos onde se entregou ao retiro e à meditação.

A vida do analisante se desenrolou entre o sagrado e o profano. Colette Soler (2004, p. 112) lembra um ditado que expressa a conexão entre os opostos que esse caso apresenta: “mãe santa filho perverso”. Sentia-se uma pessoa maltratada pela vida. Inúmeras vezes, falou de um destino prometéico, de se sentir crucificado, de ser mártir e também perverso. Fazia questão de se colocar irreverente a toda e qualquer regra analítica. Recusava-se a deitar no divã, e não suportava falar para alguém sem vê-lo; precisava ver e ser visto. A trama do olhar, vivido pelo casal primordial – mãe e filho –, repetia-se no espaço transferencial.

5. Outra expressão usada por Lacan numa nota sobre criança, entregue à Sra. Jenny Aubry.

Quando trabalhamos esse caso na tese de doutorado, realçamos a maneira de o analisante dizer-mostrando, indicando a presença da *Verleugnung* no discurso, ou seja, do desmentido no próprio espaço transferencial, justamente ao se permitir a entrada do olhar na cena analítica. Da mesma forma que Leonardo da Vinci desmentira e superara na arte sua fascinação pela mãe, também o analisante desmentiu e superou, pela transferência, seu desejo de ser o desejo do Outro Primordial. A pulsão de ver e de saber é excitada, com a máxima intensidade, por impressões da primeira infância, as quais traços mnésicos das primeiras experiências de prazer deixam marcas indeléveis. Assim, muitas fantasias dos seres humanos em relação à sua infância apóiam-se em fragmentos de realidades efetivas da pré-história esquecida, em reminiscências do mamar. O olhar materno, que acompanha os cuidados iniciais da mãe com o seu bebê, está carregado de emoção, de significação. Ele é a porta de acesso a fantasmas. Fazendo-se ver pela mãe, fazendo-se objeto de seu desejo a criança, como fetiche, põe-se em cena no fantasma materno. Cada um vê e interpreta no outro o que convém ao fantasma. Nesse espaço de ilusão, constantemente se desmente a realidade, pois os significantes emitidos pelo olhar materno são sempre enigmáticos, gerando duas realidades, estabelecendo uma clivagem do Eu.

Se, num primeiro momento, tal estado funda o sujeito, num segundo tempo, é preciso “passar da relação a dois segundo o imaginário visual à relação pai-mãe-sujeito segundo a ordem simbólica da troca (...) a *Verleugnung* é o sinal de uma oscilação mantida entre um e outro” (Julien, 2002, p. 110), razão pela qual Freud toma esse mecanismo como responsável pela divisão do Eu. Tal mecanismo defende o sujeito das impressões perceptivas mais primitivas: visuais, tátteis, sensitivas, orgânicas, mas, ao mesmo tempo, permite o acesso ao simbólico como indica o jogo do *fort-da*. No caso acima narrado, a mãe desmentiu o que viu, desmentiu a condição de filho e o nome, ao contar histórias trocadas de santo.

Os desmentidos vividos nos jogos fantasmáticos da relação mãe-bebê criam a condição de possibilidade da defesa *Verleugnung* produzindo, como consequência, a divisão subjetiva da criança. No caso em questão, os desmentidos captados no olhar materno revelaram uma recusa em filiar o filho ao genitor e, por conseguinte, submetê-lo à função de limite da castração paterna.

607

Considerações finais

Tentamos demonstrar neste trabalho que há um objeto que intermedia a relação mãe-filho – o olhar. Enquanto objeto *a*, este é causa de desejo, institui uma falta e, como a palavra, ele deixa marcas sobre o bebê. No nosso entender ele

constitui um objeto pré-verbal e, como tal, pré-anuncia o verbal, ou seja, cria a condição de. A percepção da mãe sobre seu bebê é sempre uma suposição, passível de enganos, engodos e desmentidos. O jogo de olhares entre mãe e criança operado nesse campo, instala uma *Verleugnung* primordial que produz a ilusão de união, suposição de completude, de corpo contínuo, desmentindo a experiência de separação que instala a descontinuidade entre ambas e, portanto, a alteridade. Primeiro, a criança vive a falta da mãe e cria um jogo fetiche para tamponar e suportar essa falta; depois, ela percebe a falta na mãe, faz-se objeto suplente dela. Dividida em ser e ter o objeto do desejo materno ela inicia sua existência de sujeito dividido: Eu/Outro, Consciente/Inconsciente, Je/Moi.

O olhar atesta a falta e recorta a função própria do objeto *a*, instalando o campo do Eu e o campo do Outro, porém, como representante do objeto *a*, é habitado por uma estrutura significante.

Referências

- AULAGNIER, Piera. Nascimento de um corpo, origem de uma história. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 9-45, set./1999.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Le pervers et la femme*. 2. ed. Paris: Anthropos, 1996.
- _____. *O olhar e a voz*. Lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Trad. de Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- COURNUTT, Jean. *Pourquoi les hommes ont peur des femmes*. Paris: PUF, 2001.
- DOR, Joël. *Estrutura e perversão*. Trad. de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREUD, S. (1910). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. II, p. 53-127.
- _____. (1920). Más allá del principio de placer. In: *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1996, v. XX, p. 1-62.
- _____. (1940[1938]). Esquema del psicoanálisis. In: *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XXIII, p. 195-209.
- GRANOFF, Wladimir e PERRIER, François. *Le désir et le féminin*. Paris: Aubier-Montaigne, 1979.
- GUTMAN, Anne. *Le visage et la voix*. In: *Le visage et la voix*. Paris: Press Éditions, 2004. p. 13-26.
- JULIEN, Philippe. *Psicose, perversão, neurose*. A leitura de Jacques Lacan. Trad. de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J. (1964- 1965). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

____ (1966). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

____ (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*. Trad. de Vera Ribeiro, versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-70.

MILLER, J.-A. *Silet. Os paradoxos da tradução, de Freud a Lacan*. Trad. de Celso Rennó Lima. Texto estabelecido por Angelina Harari e Jésus Santiago. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PORGE, Erik. *La division du sujet et le retour de la vérité*. Texto xerografado.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais. Ver e ser visto na psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SCIARA, Louis. J'ai une passion de l'oeil. *Cahiers de l'Association Freudienne Internationale. Qu'appelons-nous perversions?*, Paris, p. 100-10, jan./1999.

SOLER, Colette. *Ce que Lacan disait des femmes*. Étude de psychanalyse. Paris: Éditions du Champ Lacanien, 2004.

609

Resumos

El objetivo de este artículo es discutir la hipótesis de una causalidad preverbal de la realidad psíquica establecida en el cuerpo a cuerpo madre-hijo. La mirada es el objeto que mediatisa esa relación. Ella es causa de deseo, instituye una falta y como la palabra, deja huellas sobre el bebe. En nuestro entender constituye un objeto preverbal e como tal, preanuncia el verbal, o sea, crea la "condición de". La percepción de la madre sobre su bebe es siempre una suposición pasible de engaños, trapazas y desmentidos. El juego de miradas entre madre y el niño operado en ese campo instala una Verleugnung primordial que produce la ilusión de unión, suposición de completamiento, de cuerpo continuo, desmintiendo la experiencia de separación que instala la discontinuidad entre ambas y por lo tanto la alteridad.

Palabras claves: Otro primordial, Verleugnung, mirada materna, falta del otro

L'objectif de ce travail est réfléchir sur la hypothèse d'une causalité pré-verbale de la réalité psychique qui s'est établi dans la relation corporale entre mère-enfant. Le regard est l'objet intermédiaire de cette relation. Il est la cause du désir qu'institue

le manque et comme la parole il marque le bébé. Nous comprenons qu'il constitue un objet pré-verbale et comme ça, il pré-annonce le verbale, c'est à dire, il crée la "condiction de". La perception de la mère sur son bébé est toujours une supposition possible d'erreur, de leurre et de démenti. Le jeu des regards entre mère et enfant qui a opéré dans ce champ, il installe une Verleugnung primordiale. Donc, il produit l'illusion d'union, supposition de complétude, de corps continu, démentant la expérience de séparation qu'instale la discontinuité entre les deux et qui est responsable pour l'état d'altérité.

Mots clés: Autre primordial, *Verleugnung*, le regard maternel, manque du autre

The objective of this article is to discuss the hypothesis of a pre-verbal causality of psychic reality established in body-to-body contact between mother and child. The gaze is the object that intermediates this relationship. It is the cause of desire, institutes a lack and, like the word, leaves marks on the child. It constitutes a pre-verbal object and, as such, pre-announces what is verbal. That is, it creates the "condition of." The mother's perception of her baby is always a supposition subject to mistakes, lies and denials. The play of gazes and glances between mother and child that is operated in this field installs a primordial Verleugnung that produces the illusion of union, a supposition of completeness, of a continuous body denying the experience of separation that installs the discontinuity between the two and, therefore, alterity.

Key words: Primordial other, *Verleugnung*, mother's gaze/glance, the absent other